

GERMANISMOS POUCO ESTUDADOS DO GALEGO-PORTUGUÊS

por Higinio Martins Estévez

MISTERIOSAS OUVAS

Etimologias de *ouva*, *Gonçalo* e *Gonçalves*.

ÁSCUA, É CASTELHANISMO?

Etimologias de *ásqua*, *áscuara*, *ascuar* e *ascueira*.

SAURUS EM GALEGO-PORTUGUÊS

Etimologias de *chouriço*, *abesouro*, *besouro*, *soula*, *soira*, *souria*, *souriom*,
ressouro, *souril*.

BABORDO, BOMBORDO, BALBORDO

Etimologias de *bombordo*, *babordo*, *estibordo*, *balbordo*, *balbor*, *balbúrdio*,
balborda, *balbúrdia*, *balburdiar*, *balbordar*.

MISTERIOSAS OUVAS

A notícia mais antiga das *ouvas* está em Murguia; pouco acrescentam os autores posteriores. A mitologia galega já se delia na segunda metade do séc. XIX, como testemunha a crença na Santa Companhia, que no primeiro terço do século XIX ainda era um bando demoníaco, bélico e aéreo, e hoje nom passa de fúnebre procissom de fantasmas rente o chão.

As *ouvas* eram seres sobrenaturais a morar nos soutos e antros, com menos poder e malignidade que as *lúvias*, estas lídimos vampiros. Murguia põe hipóteses da origem da crença que nom paga a pena referir. Apuradas tais interpretações, do mito só fica a limpo o nome *ouvas*, a ídole fantástica e a ambígua moralidade. Eládio R. González agrega dizer-se “magro como ùa *ouva*” de quem o é muito, e do menino débil e enfermiço dizer-se “parece ùa *ouva*”.

Donde virá *ouvas*? Decerto de *albas*. Tal qual *alteru-*, *salu-* e *albina* derom *outro*, *souto* e *ouvinha*, aqui o étimo é *albas*. Será o latim *albās* “brancas”? Se nom é, à força houvo paretimologia nesse rumo, pois um homófono doutra origem fatalmente daria esquecido e confundido com a voz latina. Fosse qual fosse o sentido primeiro, o cruzamento com o latim feminizava e empalidecia as *ouvas*.

Nom é palavra latina. O que se agacha sob o nome é algo mais misterioso: os mesmíssimos *elfos* da lenda germânica, hoje remoçados e relançados por Tolkien, Ridley Scott e tantos outros. Informam os dicionários etimológicos germânicos:

- a) germ. **alβiz*: ing. *elf* “pequeno ser sobrenatural”, séc. XVI “criatura travessa maléfica”, neerl. médio *elf*, sueco *elf*, danês *elv*, alto alem. médio *elbe* f. (f. por latim *alba*?), ingl. ant. pl. (*dun*)*elfa* “castálides”.
- b) germ. **alβinnja-*: ingl. ant. *ielfen*, *elfen*, colet. sg. f., em (*wudu*)*elfen* “driades”, (*sæ*)*elfen* “náíades”.
- c) germ. **alβaz*: ingl. *ælf*, ingl. médio pl. *alven*, sax., baixo alem. médio *alf*, alto alem. médio *alp*, alem. *Alp* “pesadelo”.

Eis a fonte das *ouvas*, o germânico **ALβAZ*, que chegaria polos suevos. Destes ou nom, o vocábulo vai com *gaita* na preservaçom da vogal temática *-a* na fala germânica do empréstimo. Os germanistas teem a palavra, se o dado é útil.

Recordemos a evoluçom da imagem desta gente. O seu lábil perfil aparece belamente na história documentada do germ. **Alβirīks* “rei dos elfos”, que surge no alto alem. ant. como o *Alberich* o rei dos anãos no *Nibelungenlied*. *Alberich* deu latinizado *Albericus*, que passou ao fr. *Auberi*, anglo-normando *Albery*, *Aubery*, inglês *Aubrey*. Em francês *Auberon* é o diminutivo, que na literatura medieval cobra o valor de “rei das fadas” e uns caracteres mais benignos (“anão de cara angelical”), chegando depois ao ciumento *Oberon*, rei das fadas no *Sonho dũa Noite de Verão* de Shakespeare. Na Galiza, a gente pequena feminizou-se, qual no alto alem. médio *elbe*, e empalideceu. Inda que a palidez pudera ser rasgo antigo, presente na etimologia indo-europeia da palavra germânica comum, alusiva às alvacentas névoas, “os espíritos da névoa”.

Outro rasto hispano, conhecido mas pouco divulgado, é *Gonçalo* e o patronímico *Gonçalves-Gonçalvez*, obscuros na segunda parte. A forma mais velha registada do primeiro é a baixo-latina *Gundisalvus*. *Gundi-* é o germânico **gunþiō*, g. *gunþiōz* “combate”. Os nomes germânicos nom costumavam conter genitivos, mas nom é impossível. *Gunþiōz* é a forma gótica do séc. IV (Wulfilaz, coetâneo de Prisciliano). Do estado contemporâneo dos falares ocidentais pouco se sabe. Provável é um genitivo suevo **gundiuz*, ou já **gundiz*, a determinar o nome **alβaz*, o que nos leva a um **Gundiuz-alβaz* “Elfo ou Espírito da Batalha”, semanticamente congruente.

ÁSCUA, É CASTELHANISMO?

A falta de documentos de *ásqua* na língua medieval (o primeiro é do séc. XVII) perante a documentação castelhana (séc. XII) levou muitos a descrever do lídimo cariz patrimonial da palavra e tê-la por empréstimo do castelhana. Coromines, entre a redacção do DCELC e os acréscimos do DCECeH, nom tivo a fortuna de conhecer uns dados galegos que lhe teriam modificado a opiniom.

Nom trarei dados novos, mas os existentes a meu ver som suficientes para configurar ãa história assaz diversa da que circula. Da inverossímil etimologia basca já falou o Mestre. Ora bem, diferir para a língua ibérica, da que tam pouco se sabe, é substituir ãa incerteza por outra. Aliás, a ser iberismo, deveria achar-se primeiro em aragonês e catalam, e aí nom há rasto.

Cumpre ver o arraigo do vocábulo nos dialectos locais e constatar a presença de derivados. Em castelhano a popularidade de *ásqua* é moderna, e cresce em detrimento de *brasa*, qual mostra Coromines. Logo cabe supor ali um uso anterior mais restrito, progressivamente menor ao recuar no tempo. Em galego-português o caso é inverso; predomina *brasa*, e *ásqua* parece acantoadado. Ora bem, se procuramos ver a zona onde surgem derivados, ficamos reduzidos ao reino de Leom dos sécs. IX e X, quer dizer, à velha Galiza *lato sensu*, à Galécia. O mesmo Coromines cita de Vigón o asturiano *áscuara* “ásqua”. Em galego, Eládio R. González traz *ascueira* (“ascoeira”) “soleira da porta do forno”, e no apêndice do seu dicionário lê-se *ascuar* (“ascoar”) “queimar, tostar” e o exemplo “*este pam está ascuido* (Lugo)”. Há pois dados novos: um derivado nominal de *ásqua*, *ascueira*, arraigado na velha cultura lareira; e o verbo *ascuar*, divergente a respeito do valor moderno de *ásqua*, o que lhe firma a antiguidade. A fundura deste verbo da Galiza oriental (=Galécia central) robora-a o asturiano *áscuara*, proparóxitono que será antigo: alhures vimos os nomes de sufixo átono -RO- serem de origem pré-romana, e deverbais que na prática tomam a 3ª sg. de presente de indicativo. Esta deriva, já nom produtiva, tem muitos exemplos que acusam grã vigor em data românica. *Áscuara* é “a que queima”. Em suma, os dados deslocam para o Noroeste o foco da palavra, afastam as hipóteses basca e ibérica e reinstalam a germânica.

Inverossímil o étimo germânico? Decerto fora se *ásqua* tivesse evoluído em castelhano, mas nom seria insólito em galego-português. Vejamos o dicionário Kluge: o gótico *azgō* f. “cinza quente”, dum indo-europeu *AS-GHŌN-, certamente nom é apropriado, sobretudo se o vocábulo aparece firme no NO hispânico, onde se radicarom germanos ocidentais, suevos e vândalos hasdingos. Estes, qual todos os germanos fora dos godos, teem formas homólogas vindas do ie. *AS-GŌN-; quer dizer que germano ocidental e escandinavo acusam o protótipo *ASKŌN- f. Este cabe supô-lo a começos do séc. V, época da entrada na Galécia. A constante referência dos linguistas aos primeiros testemunhos escritos do germânico, do séc. VIII, confundiu os nom-germanistas. A mais velha escrita é *aska* (alto alemam antigo e antigo nórdico). García de Diego, hesitando entre duas etimologias, cita *aska*. Nom é esta a forma que cabe atender, senom aquela coerentemente suposta: um suevo *ÁSKŌN f., que entrou ao baixo-latim galeco como *ASCŪNA. Pois que é provável que nunca se tenha escrito, talvez seja melhor supor já um proto-românico *ÁSCONA. Como palavra própria das classes dominantes, especializou-se no sentido valioso para elas, a forja das armas. Ainda hoje se percebe *ásqua* ser mais próxima de ferreiros que de carvoeiros e cozinhas. Esse *ÁSCONA de origem sueva ficou no centro da história peninsular quando a Galécia foi o reino de Leom. Palavra das camadas altas, depois com estas viajou para o Sul na reconquista, nom sem antes receber o cunho de origem com a queda galego-portuguesa do N intervocálico. Ao cair o -N-, *ÁSCONA passava para *ásqua* por dissimilação vocálica, qual *sua*, *tua* e *boa* (de *sūa*, *tūa* e *bōna* latinos). As velhas grafias *áscoa*, *ascoeira* e *ascoar* nom notavam O fechado, mas U aberto, nom semiconsonântico. Grafias destinadas a destacar a presença dum hiato tradicional.

Ásqua ficou débil no seu solar, cujo povo mantinha fidelidade ao vulgar *brasa*¹, e foi crescendo nos seus novos territórios a favor da expressividade inovadora e do favor social.

Conclusões: *Ásqua* nom só nom é castelhanismo, em castelhano é galecismo antiquíssimo. A atinar a etimologia (nom nova, mas de consequências ainda nom explicitadas), teremos dado mais um passo no árduo discernimento do contributo suevo, emaranhado pola proximidade do gótico.

¹ Veja-se a sugestiva hipótese de Coromines a respeito de *brasa* no seu DCECeH.

SAURUS

EM GALEGO-PORTUGUÊS

(*chouriço, abesouro, soula, soira, souria, souriom, ressouro, souril*)

Coromines, ao referir-se à origem de *SAURĪCIUM, étimo de *chouriço*², aponta certamente para o baixo-latino *saurus* de origem germânica, “amarelo escuro, dourado, trigueiro”, a causa do defumado característico do chouriço, mas assinala que “de todos modos nada se puede asegurar, en vista de que este adjetivo está escasamente representado en la península ibérica...”

No primeiro dos Congressos da AGAL, em 1984, no meu contributo apresentei ùa breve nota sobre a etimologia de (*a*)*besouro*. Alegrava-me de ter encontrado outro rasto de *saurus*, que vinha a fortalecer aquela análise de *SAURĪCIUM. Entom eu nom sabia que o Mestre já detetara o étimo *APE-SAURU- (no DCECeH, de 1980), mal que para postergá-lo (Generoso semeia ideias e estímulos sem cuidar-se de recolher). O seu exemplo obriga-me a reforçar o que creio importante para a história da cultura galego-portuguesa. Depois topei com outras palavras da família de *saurus*, e agora penso ser oportuno juntá-las aqui para que se iluminem reciprocamente.

Saurus parece vir dum germânico *SAUZAZ > *SAURAZ “seco, torrado”, fundado no ie. **sousós*, cf. gr. αῦος “seco, enxuto” e outras formas, indo-iranianas, balto-eslavas e latinas. Ora bem, é palavra só germana ocidental, e aí só das línguas baixo-alemãs e do alemam médio, quer dizer, dos atuais inglês, neerlandês e baixo-alemam, dos seus precedentes e do frâncico. O francês, onde a família germano-românica é mais viçosa, parece ter recebido a palavra duas vezes. Ûa onda frâncica do séc. VI deixou *sor* e *saur* como nome de cor, “jaune brun”, atribuído às cousas interessantes para os aristocratas que o introduziram. O nome de cor difundiu-se fora da França com os objetos nomeados e a sua voga. A segunda onda veio-lhe do neerlandês médio *soor* “defumado”, já no séc. XIII. Daí *saur* “(arenque) defumado” e muitos derivados, relativos à tecnologia alimentar. Estas precisões importam para discernir possíveis influências. Também quadra precisar as leves variações semânticas. O sentido básico é “torrar, ressequir por calor”. Algures passa a “murchar”, como no inglês. Aliás, segundo o calor, “torrar” passou a “tostar, queimar de leve” ou a “defumar”. Os dous cobraram o sentido secundário de “escurecer”. O frâncico atendia principalmente à cor. Donde e quando recebemos nós?

Chouriço vem do medieval *sourico* por cruzamento com ùa palavra que talvez fosse *chorume*. Por sua vez, *sourico* virá decerto de *SAURĪCIUM. A falta de *SAURAZ em gótico, a autoctonia dos elementos de cultura material envolvidos, a apariçom tarda de *chorizo* em castelhano, todo aponta a origem galego-portuguesa e o empréstimo ao castelhano. Será suevo? Viria polo caminho de Santiago? A semelhança com o fr. *sauris* “salmoira (dos arenques)” surpreende, mas é superficial. Se os dous veem ao cabo de *SAURĪCIUM, no imediato *sauris* foi o neerlandês médio *soor*, sem ditongo. Com ele a grafia francesa acusa influxo do baixo-latim. A forma galego-portuguesa, à margem da diferença semântica, tem ditongo, o que recua a introduçom na Galécia do vocábulo para meados do anterior milénio e assim deixa fora o neerlandês. Nom há outra possibilidade que o suevo.

Os suevos entraram com o séc. V. Entom ainda nom estava definitivamente fechada nenhũa das mutaçõs consonânticas que perfilam o românico perante o latim. Coromines descrê do étimo *APE-SAURU- polo -S- sonoro do português. Porém entom já era composto formado. *Ape-* nom continuou; o que nos chegou foi *apicula*. Daí que a sonorizaçom do -P- e do -S- sejam solidárias e aproximadamente coevas. Mais do que *SAURĪCIUM, é *APE-SAURU- o que nos leva a suspeitar ùa introduçom precoce, que nom pode ser atribuída senom aos suevos.

No seu *Vocabulário de Sam Jorge de Piquim*, Aníbal Otero diz que em Moreira (Cervantes, Ancares, Lugo) chamam *soira* ao suão de verão, que o mesmo vento é *soula* em Álvare (Pastoriça, Lugo), e que em geral na Terra de Fonsagrada, no Nordeste de Lugo, o vento do Sul é *souria*. Por extensom, às vezes dâm este nome a um vento seco e frio. *Dia de souria* é seco e quente, dia de vento áspero que dana os frutos. *Souriom* é o mesmo ali. E ainda informa dum *ressouro* (resouro) “cor encarnada que toma a pele

² Em DCELC II, 81a 28 ss., agora DCECeH II, 393b 8 ss.

do porco quando está muito tempo ao sol”. Esta palavra é de Guilharei, em Tui.

Soira e *soula*, de igual significado, parecerem vir de **soura* < *SAURA. Ora bem, nestas terras do Norte o ditongo OI dificilmente venha do OU por comutaçom. Antes virá dum derivado *SAURIA. Nesse caso, *soula* será algo diferente e o L procederá dũa dissimilaçom: *(AURA) SAURA. *Souria* é provavel derivaçom românica e dela virá *souriom*. Enfim, *ressouro* (resouro) virá de *RE-SAURU-.

Os nomes dos ventos viajam polas rotas marinhas, mas as terras notadas som mediterrâneas e os termos próprios do léxico lavrador. A cor da pele do porco pouco interessava aos senhores francos, apesar de nome de cor.

Souril: Eis ãa palavra que ergue defesas. O dicionarista principal foi Carré, que define “sorridente, alegre”. A superficial aparência de torpe arremedo do fr. *sourir* deve de ser a causa do esquecimento da crítica. Porque a palavra parece bem geral. Usarom-na Cabanilhas (Rias Baixas), Cotarelo (Galiza asturiana) e Valadares (de Santiago). Registam-na Carré (Corunha), Eládio R. González (Ourense), Crespo Pozo (Ponte-Vedra; e assinala Fisterra) e Carvalho Calero (Ferrol). A restriçom crítica e o cariz das definições parecem roborar que a paretimologia paira sobre o vocábulo. Eládio R. González nom se limita à definiçom que vimos e acrescenta pormenores: “Alegre, sorridente, vivaz. Aplica-se especialmente a rapazi-nhos e moças. Também se diz de olhos expressivos e *churrusqueiros*”.

Do que vimos de ver deduz-se que aqui teríamos um *SAURĪLIS, -E “queimante, ardente” muito expressivo e quase inconveniente. É curioso o sublinhado de *churrusqueiro*, que é de R. González. *Churrusqueiro* e *souril* som hoje palavras expressivas, de escassa denotaçom, das que R. González nom conhecia decerto a história. As duas veem de étimos que significam “queimar de leve”, hoje invisíveis.

Quanto à antiguidade de *SAURĪLE-, o sufixo, antigo e pouco produtivo, contribui a confirmar a anti-guidade da entrada de *saurus* ou seu equivalente puramente germânico.

Conclusões: *SAURĪCIUM, *APE-SAURU- (ou APISAURUS), *SAURĪLIS, -E, *(AURA) SAURA, *SAURIA, som muitas roborações. Ténues e esvaídas, mas convergentes e certas. Todo aponta para ãa entrada precoce, provavelmente com os suevos e hasdingos. *APE-SAURU- e *RE-SAURU- som de lavradores. E *(AURA) *SAURA e *SAURIA. *SAURĪLE-, hoje expressivo e metafórico, seria dantes também vocábulo agrícola. Assim, convergem a cultura material agrária, a zona montanhosa arcaizante, as desinências latinas. Nom é de crer ãa importaçom da Gália. Temos pois suebismos certos, mais preciosos por escassos.

BABORDO, BOMBORDO, BALBORDO

(*bombordo, babordo, estibordo, balbordo, balbor, balbúrdio, balborda, balbúrdia, balburdiar, balbordar*)

A arte náutica germana atingiu nível para dar origem aos nomes europeus das bandas das embarcações: baixo-alem. e neerl. *bakboord*, a.-s. *bæcbord*, nórd. *bakbordī* “o bordo posterior”, e baixo-alem. e neerl. *stūrboord*, anglo-sax. *stēorbord*, nórd. *stjörnbordī* “o bordo do leme”. Que querem dizer tais nomes? Aquele leme era remo de ampla pá escorado na parte posterior direita do navio; logo “o bordo do leme”, estibordo, é a banda direita. O homem do leme, piloto e timoneiro, manejava de costas viradas à esquerda, ao “bordo posterior” a ele, o bombordo. Este tipo de governo nom lhes era exclusivo e aparece alhures.

Vem-se dizendo o galego-português ter tomado a voz do neerlandês através do francês *bâbord*. É possível por razões geográficas, e provável a Normandia ser o teatro. Contudo choca tal rapidez, que nom computa dous factos: o papel pioneiro da náutica portuguesa e as primeiras documentações portuguesas da voz, anteriores às francesas. A francesa mais antiga é de 1484 (*babort*). Em português há *babos* em 1416³, e *babordo* arredor de 1450⁴. O italiano *babordo* surge em traduçom do português de 1510; logo a forma subsistia por volta desse ano. Outra traduçom de português para italiano, de 1578, *buonbordo*, acusa ter surgido decerto antes desse ano o port. mod. *bombordo*, que cuida vem da mera labializaçom da primeira vogal, seguida da paretimologia que **bobordo* impunha. Apesar de a banda esquerda ser a de menor honra no protocolo náutico, ao menos no formal das marinhas clássicas. Em síntese cabe dizer que a palavra entrou a inícios do séc. XV (a flutuaçom da forma *babós* notará a hesitaçom do momento de

³ *Descobrimientos Portugueses*, Col. de docs, ed. de J. Martins da Silva Marques, Lisboa, 1944, I, p. 242.

⁴ Azurara, Gomes Eanes de, *Crónica de D. Pedro de Meneses*, em *Inéd. Hist.*, vol. VII, p. 536.

empréstimo). A forma mais estável *babordo* dura até meados do séc. XVI. Entom a labialização provoca a paretimologia e surge definitivamente *bombordo*.

A história náutica está cheia de lacunas. Factos grossos às vezes devem estabelecer-se por conjectura e vias oblíquas. É muito pior na náutica menor, fluvial ou lacustre. O que nom chegou a hoje, ou surge num golpe de fortuna como achado arqueológico, é como se nunca tivesse existido. Soa a queixume de leigo que busca em seara alheia e nom acha; é. Rebusquei e nom achei ùa história dos governalhos. Só soube da doutrina que sustém a navegação fluvial do norte derivar da técnica náutica germânica⁵, entanto que na costa dominaria outra de onda posterior, mediterrânea de origem. Logo cumpre dar um salto e supor que o costume de governar embarcações pequenas dando as costas à banda esquerda subsistiu muitos séculos (se nom é que chegou a nós). Por que se deve supor? Faremos um rodeio. O galego *balbordo*, bem vivo, define-o E. Rodríguez González, no DEGC, como 1º ruído, algazarra, gritaria, alarido, confusom, desordem, tumulto (tópicos herdados, certos ou nom), e 2º *ruído longe, qual o do vento que açouta os arvoredos; estrondo, qual o do trovom prolongado; fragor, qual o da tempestade; estrépito, qual o do mar encolerizado, etc.* Será acaso *balbordo* “rumor longe, prolongado e surdo”, o ant. *babordo*, guardado na Galiza por paretimologia dos frequentes *balbo* e *balbuciar*?

O timoneiro de barco pequeno, virado de costas à esquerda, para governar usa vista e ouvido. Com a vista controla estibordo, proa e popa. Da esquerda, o *bombordo*, só percebe rumores, só escuita os rumores que tam vivamente descreve Eládio Rodríguez González –ingenuamente–. Um *babordo* isolado do geral *bombordo* perderia o núcleo semântico, a denotação espacial, deixando logo como centro o que antes eram simples conotações, os rumores do *bombordo*.

Mas este *balbordo* cheio de rumores da marinha apresenta variações nos diversos falares do domínio: *balbor*, *balbúrdia*, *balborda*, *balbúrdio* e os verbos *balburdiar* e *balbordar*. Qual a primitiva? Da resposta depende a verossimilhança da hipótese aventurada. A mais antiga documentação de *balbordo* (e de todas as variantes) que conheço está no *Catálogo de Voces y Frases de la Lengua Gallega*, do P. Sarmiento, com duas menções na primeira parte (a que vai até fôlio 150r., cf. J. L. Pensado), redigida por 1745: “*Balbordo*. Ruído, zumbido, v.g.: allí hay un gran *balbordo* o *mormurio* de gentes que hablan” (110v.). A segunda reenvia *balbordo* a *barbalhoar* “falar atropeladamente” (124r.). Todos os lexicógrafos posteriores repetem o vocábulo e definem similarmente, salvo as precisões de E. R. González. *Balbor* é galego. Carré define “Rumor. Ruído confuso”. E. R. González: “zumbido, como de colmeal: *balbor de colmeias*”. Os dicionários posteriores repetem-no. O surgir da forma –que mais que outras acusa paretimologia de *balbo*, erudito mas frequente– precipitar-se-ia por haplogia neste sintagma repetido: *balbordo de colmeias* > *balbor de colmeias*.

Balbúrdia é a forma comum em português normativo. Aparece na segunda edição do dicionário de Moraes, que é de 1813. Nela transparece o influxo de *balbuciar*, que os dicionários etimológicos põem como possível étimo. Nessa mesma edição aparece *balborda*, que nom vejo no dicionário brasileiro de Aurélio Buarque de Holanda. De *balborda* sairá *balbúrdia*, com I epentético e metafonia. A ausência de *balborda* no Brasil indicará inexistência no port. do séc. XVI, e *balbúrdia*, forma comum no idioma literário, terá entrado ali precisamente pola via da escrita. *Balborda* hoje parece ser em Portugal “tumulto, desordem”, algo mais plástico e espacial que *balbúrdia*, que ainda é predominantemente “acústico”.

Forma próxima é o galego *balbúrdio*, em R. González e F. Grande, que apresenta o mesmo I epentético e similar metafonia. Deve de ser secundário como *balbúrdia*.

De *balbúrdia* tirou-se *balburdiar*, que é “causar *balbúrdia*”, mas que, da leitura das definições e da ordem das acepções, podemos estimar que deriva para “confundir, misturar”.

Balbordar é o deverbal na Galiza, definido “falar alegremente várias pessoas a par, com algazarra e gritaria” e “zumar, fazer ruído contínuo e bronco a tempestade, o vento, o trovom, etc.” (E. R. González). Desta enfadonha enumeração deduzimos a precedência de *balbordo* e o carácter secundário das outras variantes.

Esta longa cadeia, de cabos conhecidos no neerlandês *bakboord* e no verbo *balburdiar*, tem de momento vários elos hipotéticos. Enquanto subsista congruência geral no contexto, a hipótese poderá manter-se. Pois que até cá nom topamos obstáculos, procuraremos continuar. Onde se gerou *balbordo*? Em que condições divergiu de *bombordo* e adquiriu novo rumo semântico? A meu ver, *babordo* deveu de subsistir, na Galiza e talvez em zonas do norte de Portugal, depois do séc. XVI. *Babordo* é a respeito de **bobordo*

⁵ Enciclopédia Internacional FOCUS, Sá da Costa Editora, Lisboa, 1965/70, I, p. 390.

> *bombordo* qual o gal. *balor* a respeito do port. comum *bolor*. As condições sociolinguísticas dos falares galegos nos séculos XVII e XVIII fariam perder peso denotativo à palavra –isenta agora de apoio em português por ter divergido a forma deste–. Nesse momento os valores conotativos, independizados, organizaram novo núcleo semântico, expressivo pela herança própria e polos factores fono-simbólicos de *balbo* e *balbuciar*.

Conclusões: Em etimologia –mais neste caso pela abundância de passos incertos–, cumpre ter cautela nas hipóteses, mas, a dar certa, teremos firmado os pés num ponto da história náutica, teremos visto aspectos do processo sofrido pelo galego médio e deitado nova luz sobre a história do comércio linguístico, quase clandestino, entre duas zonas do domínio, entre a Galiza isolada e o Portugal soberano.